

**FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
GRADUAÇÃO DE PEDAGOGIA**

Autorização: Portaria MEC nº 234 de 13/03/1998

Reconhecimento: Portaria MEC nº 698 de 26/05/2000

Renovação do reconhecimento: Portaria MEC nº 757 de 03/09/2007

**CAMILA FERREIRA DO NASCIMENTO
DEIZIRRE DA SILVA BATISTA
JAQUELINE VICENTE PEREIRA
JULIANA MANARA SILVA
POLIANA DE BARROS NUNES**

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO EM SALAS DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**Aracruz
2017**

**CAMILA FERREIRA DO NASCIMENTO
DEIZIRRE DA SILVA BATISTA
JAQUELINE VICENTE PEREIRA
JULIANA MANARA SILVA
POLIANA DE BARROS NUNES**

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO EM SALAS DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
às Faculdades Integradas de Aracruz, como
parte dos requisitos exigidos para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Adriana Recla

**Aracruz
2017**

**CAMILA FERREIRA DO NASCIMENTO
DEIZIRRE DA SILVA BATISTA
JAQUELINE VICENTE PEREIRA
JULIANA MANARA SILVA
POLIANA DE BARROS NUNES**

**PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO EM SALAS DE AULA DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado às Faculdades Integradas de Aracruz, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 13 de julho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA

**Prof. Dra. Adriana Recla
Faculdades Integradas de Aracruz
Orientador**

**Prof. Msc. Viviane de Souza Reis
Faculdades Integradas de Aracruz
Avaliador 1**

RESUMO

O presente artigo trata sobre a alfabetização na perspectiva do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Nosso objetivo é verificar práticas alfabetizadoras em salas do Ensino Fundamental, por meio de ações docentes veiculadas nas escolas da rede pública do município de Aracruz - ES. Para o alcance do objetivo proposto, tomamos como referencial teórico os trabalhos sobre alfabetização desenvolvidos por Tfouni (1995), Ferreiro (1996), e Soares (2004). A metodologia adotada foi um estudo bibliográfico e uma pesquisa de campo, com aplicação de um questionário referente ao trabalho com a alfabetização e letramento, realizado por professores que atuam em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de constatar as práticas alfabetizadoras dos professores que participaram do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa PNAIC. Os dados revelaram que para o trabalho com a alfabetização, o professor precisa ter conhecimento do conceito de leitura e escrita e maior preocupação ao ensinar, fazendo uso de práticas alfabetizadoras que colaborem para tornar os leitores críticos, competentes e atuantes.

Palavras-chave: Alfabetização. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Letramento. Práticas Docentes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 Alfabetização na perspectiva do letramento.....	7
2.2 Práticas de alfabetização em salas de aula do Ensino Fundamental	9
2.3 O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: contribuições para a alfabetização.....	12
3. A PESQUISA	14
3.1 Discussões dos resultados.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata sobre a alfabetização na perspectiva do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, por meio das práticas docentes veiculadas nas escolas da rede pública do município de Aracruz – ES, enfatizando a importância da alfabetização nos anos iniciais.

Neste trabalho, entendemos que a alfabetização pode ser definida de um modo mais abrangente como um processo no qual o indivíduo constrói a gramática em suas variações, em uso cotidiano. Esse processo não se resume apenas na aquisição de habilidades mecânicas (codificação e decodificação) do ato de ler, mas na capacidade de interpretar, compreender, criticar, ressignificar e produzir conhecimento.

Todas as capacidades citadas anteriormente, só serão concretizadas se os alunos tiverem acesso a todos os tipos de portadores de textos, ou, pelo menos, a um maior número significativo de gêneros textuais. O aluno precisa encontrar os usos sociais da leitura e da escrita.

Justificamos a escolha do tema pela necessidade de se discutir quais práticas alfabetizadoras o professor cada vez mais tem levado para a sala de aula. Ao longo do curso de Pedagogia, tivemos carga horária de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tivemos a disciplina Estágio Supervisionado, sendo para da carga horária destinada aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desse modo, vivenciamos inúmeras discussões empreendidas acerca desse tema, mas, mesmo assim, consideramos que ainda temos que aprofundar esta temática em razão de nossa formação pedagógica, isso porque num curso de Pedagogia não se esgotam todas as discussões pertinentes à Educação. O que desejamos aqui é levantar a necessidade de os cursos da área educacional tomarem como foco temas que são da maior urgência e importância no cotidiano escolar.

Diante desta problemática e de nossa vivência pedagógica, surgiu um questionamento: quais as práticas de alfabetização são comumente utilizadas com crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental? É a partir do questionamento acima que esta pesquisa se orienta. Buscamos com este trabalho um caminho mais seguro para facilitar o processo de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos na

fase inicial de alfabetização. Por esse motivo, tomamos como objetivo central verificar práticas alfabetizadoras veiculadas em salas do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental. Elegemos como objetivos específicos: conceituar o que é alfabetização na perspectiva do letramento e identificar práticas docentes de alfabetização utilizadas pelos professores nas salas de aula.

Para atingir os objetivos propostos e buscar respostas para nosso questionamento, realizamos uma pesquisa bibliográfica para dar embasamento teórico a nosso trabalho, utilizando os seguintes autores: Tfouni (1995), Ferreiro (1996) e Soares (2004). Em seguida, para a coleta de dados, realizamos uma pesquisa de campo com professores que atuam em turmas dos anos iniciais de escolas públicas do município de Aracruz, no estado do Espírito Santo - ES. Aplicamos um questionário com perguntas abertas, a fim de verificarmos quais práticas de alfabetização permeiam o fazer do professor.

Por fim, verificamos que o professor precisa ter conhecimento do conceito de leitura e escrita e maior preocupação ao ensinar, fazendo uso de práticas alfabetizadoras que colaborem para tornar os leitores críticos, competentes e atuantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Alfabetização na perspectiva do letramento

A discussão sobre a noção de alfabetização tem sido cada vez mais pertinente nos espaços sociais e educacionais em razão de se compreender que alfabetizar é um dos processos de desenvolvimento de uma pessoa, já que por meio dela o indivíduo se torna sujeito de sua própria história. Sem saber ler e escrever o indivíduo se torna, muitas vezes, manipulado pelo mundo que o cerca. Uma pessoa que lê, escreve e que busca sempre aprimorar seus conhecimentos, pode fazer suas escolhas com mais independência e gerar suas opiniões para o exercício de sua cidadania.

Nos últimos vinte anos, o conceito de alfabetização vem sendo modificado, passando a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento. O termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas, é associado a ela. Entende-se por letramento o processo em que o indivíduo é visto em atividade desenvolvendo suas habilidades de escrita e leitura com bastante facilidade, capaz de associar diversos assuntos distintos, por exemplo, sobre cultura, sociedade, política, economia, tecnologia e outros inúmeros assuntos cotidianos.

Para Soares (2004, p.12),

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento.

No entanto, existem muitos indivíduos que mesmo sem terem tido a aquisição da leitura e escrita conseguiram desenvolver estas práticas por meio do contato direto diariamente, desenvolvendo uma compreensão e aquisição das práticas de leitura e de escrita.

Tfouni (1995, p.20) define alfabetização e letramento da seguinte maneira, “Enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Leitura e escrita têm influência significativa na formação crítica da criança, possibilitando uma participação democrática na sociedade. Durante o processo escolar, a criança começa a compreender o mundo que a cerca. Nessa perspectiva, o PCN de Língua Portuguesa (2001, p. 30) afirma que:

Toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais - que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão.

Desse modo, um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, codificar e decodificar a língua escrita.

Segundo Ferreiro (1996, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas, as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Atualmente, muitos professores ainda definem erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica.

Por fim, a construção da linguagem escrita e da leitura pela criança faz parte de um processo geral, que se dá como um trabalho contínuo que envolve atenção, percepção, memória, imaginação, raciocínio e pensamento, considerando a significação que a escrita e a leitura tem na sociedade.

2.2 Práticas de alfabetização em salas de aula do Ensino Fundamental

A escola é um espaço privilegiado para a produção de conhecimentos. Por esta razão, os professores precisam assumir uma postura mediadora, utilizando recursos que motivem os alunos, com aulas que privilegiem a diversidade e que atendam à heterogeneidade de todos os educandos.

Em uma sala de aula não encontramos um discurso definido do que se deve ou não fazer para alfabetizar. Entendemos que cada aluno tem sua particularidade, sendo assim, no começo do ano letivo o professor precisa buscar conhecer seu aluno por meio de diagnósticos e a partir daí elaborar planejamentos que atendam às necessidades dos alunos.

Isso porque os alunos estão em constante processo de aprendizagem. Assim, caso uma prática não os atenda, o professor precisa repensar e desenvolver uma outra prática que os ajudem a se desenvolver no processo de aprender a ler e escrever.

De acordo com Grossi (1990, p.27), “dificilmente uma classe de alunos [em processo de alfabetização] avança igualmente, no mesmo espaço de tempo. Esta heterogeneidade, ao invés de atrapalhar, é muito benéfica ao andamento dos trabalhos em aula.” Isso porque na interação aumentam-se as possibilidades de aprender, o que é fator de muito progresso numa classe.

Os atos de ler e escrever são de suma importância na vida de uma criança e para sua construção como ser social, porque estará descobrindo o universo através das

palavras e se enriquecendo com novas ideias e experiências. Dessa forma, na fase de alfabetização é importante estimular a criança a ter contato com diferentes gêneros textuais, favorecendo o processo de consolidação da linguagem escrita. Gradualmente, o aluno vai aprimorando e entendendo que a escrita segue um padrão.

O professor precisa ter a proposta curricular enriquecedora e bem estruturada para garantir a apropriação do conhecimento. Moço (2011) ressalta que para alfabetizar existem algumas práticas essenciais que ajudam os alunos a avançar. Dentre elas, estão: identificar o que cada criança da turma já sabe, realizar atividades com foco no sistema de escrita, realizar atividades com foco nas práticas de linguagem, utilizar projetos didáticos para alfabetizar e trabalhar com sequências didáticas. A seguir, explicitamos cada uma dessas práticas, a saber:

- **Identificar o que cada criança da turma já sabe:** Antes de entrar na escola, os alunos estão cercados de informações, livros e textos, mas o contato depende dos hábitos de cada ambiente familiar. Uma turma de 1º ano, por exemplo, vai apresentar uma variedade enorme de saberes, com estudantes pré-silábicos (quando as letras usadas na escrita não têm relação com a fala), silábicos sem valor sonoro (representando cada sílaba com uma letra aleatória), com valor sonoro (usando uma das letras da sílaba para representá-la), silábico-alfabéticos (que alternam a representação silábica com uma ou mais letras da sílaba) e, finalmente, alfabéticos (que escrevem convencionalmente, apesar de eventuais erros ortográficos). O diagnóstico mais comum é o ditado de uma lista de palavras dentro de um mesmo campo semântico (por exemplo, uma lista de frutas) com quantidade diferente de sílabas. Através dele, é possível ter conhecimento dos saberes da turma e planejar ações. E também usar os resultados das sondagens, para transmitir aos pais os avanços de seus filhos.
- **Realizar atividades com foco no sistema de escrita:** Oportunizar momentos em que os alunos investiguem palavras para descobrir quais letras, quantas e onde devem usá-las para escrever. Alguns exemplos de perguntas para a turma: a palavra que você procura começa com que letra? Termina com qual? Quantas letras você acha que ela tem? É por meio de reflexões desse tipo que as crianças entendem a ligação entre os sons e as possíveis grafias. É preciso desafiar os alunos a ler e escrever, por conta própria, textos de complexidade adequada ao

seu nível de alfabetização. Na dedicação de entender como funciona o sistema alfabético, os alunos vão inicialmente tentar ler com base no que conhecem sobre a escrita e onde ela aparece (cartazes, livros, jornais etc.), utilizando o contexto para identificar palavras ou partes delas.

- **Realizar atividades com foco nas práticas de linguagem:** Ajudar os alunos a entender como os textos se organizam e os aspectos específicos da linguagem escrita. É importante levar a turma a perceber as características sociocomunicativas de cada um deles, mostrando como o estilo e o formato dependem da intenção do texto (por que se escreve) e de seu destinatário (para quem se escreve). As atividades mais consagradas são a leitura em voz alta e a produção de texto com o professor como escriba. Nas situações de leitura, o docente atua como um modelo de leitor: ele questiona as intenções do autor ao escolher expressões e palavras, retoma passagens importantes e ajuda na construção do sentido.
- **Utilizar projetos didáticos para alfabetizar:** Apresentar, na rotina da classe, um planejamento com o envolvimento dos alunos que resulte em uma produção escrita (uma carta, um livro, um seminário etc.). Assim, se tem um sentido maior para as atividades a serem realizadas pelos alunos, pois, eles sabem que o resultado final será lido por outras pessoas, além do professor. A utilização de projetos didáticos possibilita que a turma tenha um avanço satisfatório. Por exemplo, ao escolher um tema, o professor garante a aproximação de determinado grupo de palavras, o que permite a exploração e a construção de novos saberes. Sendo assim, a associação de propostas de leitura e escrita em um projeto didático se torna uma prática para a alfabetização.
- **Trabalhar com sequências didáticas:** a sequência didática é um procedimento de ensino com atividades articuladas em que uma etapa está ligada à outra, de forma interdisciplinar. A decisão do modelo de sequência didática a ser trabalhado está relacionada de acordo com suas necessidades e aos objetivos que o docente deseja alcançar. Através de uma sequência didática, o professor pode utilizar e explorar vários eixos de ensino (leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística), bem como agrupar os alunos de diferentes maneiras (em pequenos grupos, duplas, individualmente ou coletivamente), possibilitando aprendizagens diferentes. Ao utilizar essa prática os alunos se apropriam dos gêneros textuais e desenvolvem a alfabetização e o letramento.

2.3 O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: contribuições para a alfabetização

De acordo com o Ministério da Educação, os dados do Censo 2010 apresentam que 15,2% da média nacional de crianças não foram alfabetizadas aos oito anos. Já em 2011, esses dados mostraram a importância de se mensurar o nível de alfabetização das crianças. Com a Prova ABC (Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização), notou-se que apenas metade dos educandos que concluíram o 3º ano consolidaram o que era esperado no período. Em relação à leitura, a porcentagem exata é de 56,1%. A avaliação foi aplicada em 6 mil escolas em todas as capitais, tendo também grande variação entre as regiões brasileiras, entre as redes particular e pública de ensino (MANDELLI, 2012).

De acordo com Gois (2017), em um levantamento feito pelo movimento Todos Pela Educação (2012), mostrou que em famílias com renda mensal inferior a um salário mínimo, apenas 25% das crianças apresentavam o nível satisfatório em leitura, contra 95% das famílias com renda superiores a sete salários mínimos.

Com base nesses dados percebemos a grande defasagem em relação à alfabetização, já que mais de 50% das crianças não atingiram o que era esperado em relação à leitura. É notório também que o número é maior entre crianças com rendas familiares baixas.

Foi com o intuito de solucionar parte desses problemas nas redes públicas de ensino, que o Governo Federal instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em 5 de julho de 2012, no Diário Oficial da União, pelo ministro da Educação, Aloizio Mercadante Oliva.

O PNAIC tem como compromisso garantir que todas as crianças até os oito anos de idade, ou seja, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental estejam alfabetizadas. A portaria do MEC Nº 867, Art. 5º de 2012 esclarece que as ações do Pacto têm por objetivo:

- I - garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Portuguesa e em Matemática, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental;
- II - reduzir a distorção idade-série na Educação Básica;
- III - melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB);

IV - contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores;

V - construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Segundo o Ministério da Educação, o PNAIC traz quatro embasamentos principais que são avaliados e considerados ao longo do desenvolvimento pedagógico:

1. O nosso sistema de escrita alfabética é de fato problematizador, sistemático e complexo.
2. O desenvolvimento da potencialidade da leitura e escrita ocorre não apenas nos anos iniciais, e sim em todo contexto educacional do aluno. Porém, é preciso iniciar-se no início da escolarização com a ampliação do repertório de leitura com diferentes gêneros textuais e que nas atividades o aluno possa se reconhecer como protagonista da história.
3. Experiências partidas dos alunos vindas de suas diversas áreas podem e devem ser apropriadas pelas crianças. Compartilhando nessas áreas suas leituras, e escritas, além de ouvir, falar e se mostrar como ser participante da sociedade.
4. Ter o olhar lúdico é um trajeto importante para lidar com alunos, principalmente no processo de alfabetização, para não tornar essa etapa traumática e massacrante.

Entendemos assim que a alfabetização é complexa e, sem dúvida, uma das prioridades nacionais no contexto atual. Não basta o professor ser um reproduzidor de métodos que objetivem apenas o domínio de um código linguístico, o aluno precisa estar preparado para o exercício da cidadania, ser crítico e fazer a diferença no meio em que está inserido. Desse modo, para exercer sua função de forma plena, o professor precisa ter clareza do que ensina e como ensina.

As práticas de leitura e escrita do PNAIC apoiam-se em quatro eixos de atuação, sendo eles: 1) a formação continuada para professores alfabetizadores e seus orientadores de estudos, de forma presencial, garantindo o trabalho de temas atuais da sala de aula; 2) apoio e aumento de distribuição de materiais didáticos, obras literárias, jogos didáticos, tecnologias educacionais e outros materiais pedagógicos; 3) avaliações sistemáticas, porém, lembrando que não é apenas por uma avaliação

sistemática que se mede o aprendizado do aluno; 4) a gestão e mobilização social e da comunidade escolar.

O PNAIC veio para contribuir na formação de pessoas capazes de se inserir e participar efetivamente do mundo em que vivem, frente a diversas realidades e demandas socioculturais. Afinal, um indivíduo alfabetizado não é só aquele capaz de ler e escrever, mas, aquele capaz de realizar leituras em diferentes contextos sociais.

Em síntese, o Pacto forma um conjunto de ações para a alfabetização e letramento do indivíduo, contribuindo para a elevação dos índices de alfabetização no Brasil.

3. A PESQUISA

Acreditando na importância desta pesquisa, realizamos em um primeiro momento a fundamentação de dados teóricos sobre a alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que permitiu aprofundar os conhecimentos do tema que geraram este estudo.

No segundo momento, procedemos à realização de uma pesquisa de campo, a fim de verificar quais são as práticas de alfabetização utilizadas por professores que trabalham no primeiro ano do Ensino Fundamental da rede pública do município de Aracruz/Espírito Santo.

Sendo assim, foram distribuídos 15 questionários, compostos por três questões discursivas, sobre as práticas de alfabetização e letramento para professores que participaram do PNAIC.

O instrumento foi aplicado entre os dias 05 e 12 de junho de 2017 a 15 professores¹ que atuam no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de diferentes escolas da rede pública do município de Aracruz – ES.

¹ Não serão divulgados os nomes dos professores e as respectivas escolas, no intuito de preservar a identidade dos respondentes.

3.1 Discussões dos resultados

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir dos questionários abertos respondidos por 15 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental que lecionam em escolas da rede pública de Aracruz. Ressalta-se que, de 15 professores selecionados aleatoriamente, apenas 10 responderam ao questionário.

Para verificar como as práticas alfabetizadoras são estimuladas no cotidiano das escolas de Ensino Fundamental e como o PNAIC vem ajudando os professores a melhorar suas práticas docentes, aplicamos três questões, apresentadas a seguir. Destacamos que os relatos, transcritos abaixo, são fruto da opinião de cada docente, pautados na própria experiência docente.

Questão 01 - Quais práticas alfabetizadoras você já utilizou com seus alunos?

Professora A:

Primeiramente, realizo um diagnóstico para ver que nível de aprendizagem o aluno está e a partir daí fazer as intervenções mais adequadas para ele. Trabalhar o fonema (som) das letras, atividades que façam o aluno investigar quais letras, quantas e onde usá-las para escrever uma determinada palavra. Leitura em voz alta e a produção de texto com o professor como escriba. Realizar projetos relacionados à pesquisa de temas de interesse do aluno. Realizar atividades contextualizadas.

Professora B:

Cabe ao professor que segue um determinado método apresentar as unidades sonoras (sílabas, fonemas) em uma sequência pré-estabelecida, unidades estas que deveriam ser memorizadas pelos educandos. O controle era feito a partir da apresentação das unidades que deveriam ser memorizadas - letras/fonemas/padrões silábicos, sempre com base em uma sequência a ser seguida.

Nessa prática de ensino da leitura e da escrita, a avaliação era fundamental para o bom andamento do processo. Avaliavam se os alunos estavam aprendendo o código alfabético, na memorização das unidades.

PRÁTICAS CONSTRUTIVISTAS – O professor avalia as conquistas e as possibilidades dos educandos ao longo do ano letivo, e não apenas os impedimentos. Nessa prática avalia-se tanto as aprendizagens dos educandos como as práticas pedagógicas, podendo ser analisadas as estratégicas (sic) para alcançar a aprendizagem, respeitando-se os ritmos e os tempos dos educandos.

Professora C:

Práticas que partem de textos (poemas, parlendas, cantigas...) onde são preparadas atividades que passam por reflexões letra/som sílabas até a formação da palavra como um todo.

Professora D:

Trabalhar com diferentes metodologias que atendam as diversidades encontradas em diferentes realidades. Utilizar-se de estratégias

diferenciadas, é uma realidade presente e frequente em uma sala de aula, uma vez que crianças aprendem cada uma ao seu tempo.

Professora E:

Buscando sempre contextualizar e integrar a criança no espaço lúdico, é importante o incentivo a curiosidade despertando a criança a pesquisa de informações, a aproximação da criança com a música se faz importante, pois ela tem um contato maior com a exploração da fala, onde a contribuição do método metafônico se faz mais presente na leitura e na escrita. Dessa (sic) forma trabalha-se a oralidade, juntamente (sic) com seu processo de evolução da escrita e da leitura.

Professora F:

Utilizo os textos de memória (frase, palavra, sílaba e letra). Depois não fico somente neles, pois são textos pobres em compreensão e não possibilita o aluno opinar. O alfabeto móvel é imprescindível para o trabalho de alfabetização. A leitura diária junto ao aluno realizando os ajustes (cada sílaba lida coloca-se o dedo embaixo para identificação da sílaba). O trabalho com a produção de texto desde o primeiro ano (uma frase produzida pelo aluno no 1º ano considera-se um texto, depois amplia-se). E relação entre sons e letras (LEMLE, Miriam. E Claudia Contijo). Em matemática materiais manipuláveis: material dourado, palitos, dinheirinho e outros.

Professora G:

Em 25 anos, já trabalhei desde as tradicionais até o letramento que é o que utilizo mais na atualidade, porém para alguns alunos, ainda há necessidade da utilização do tradicional.

Professora H:

Procuro usar vários recursos como: figuras, jogos, brincadeiras e outros (lúdico). Utilizo os métodos fônico, analítico, sintético. O método depende da realidade de cada turma e cada aluno.

Professora I:

Utilizo o método sintético, começo a ensinar das letras para os textos e orações. Fazendo um diálogo entre a teoria e a prática.

Professora J:

Utilizo práticas de atividades contextuais (literatura infantil e textos funcionais), de forma lúdica. Utilizo também o alfabeto móvel e jogos.

Verificamos, por meio das respostas acima, que as práticas alfabetizadoras mais utilizadas pelos professores foram: o uso da consciência fonológica, produções de textos, leitura de diferentes textos, formas de memorização e o lúdico, frisando o respeito ao tempo de cada aluno.

Os declarantes trabalham com diferentes práticas, inclusive a forma tradicional. Porém, notamos que alguns professores ainda trabalham somente com a forma sintética, não favorecendo o aprendizado global da criança e frisando muito a “decoreba” e exercícios repetitivos, não valorizando o conhecimento de mundo que o aluno traz. Esse professor precisa continuar em constante formação, podendo assim explorar mais recursos, priorizando as práticas analíticas.

Parte das práticas utilizadas pelos professores dialoga com o que vem sendo citado no presente artigo, como estratégias que foquem a produção do aluno, valorizando

seus conhecimentos com conteúdos contextualizados, trabalhando a realidade dos alunos, trazendo assim o letramento entrelaçado com a alfabetização.

Questão 02 – Como deve ser um ambiente alfabetizador?

Professora A:

Deve ser um ambiente que propicie a leitura, a investigação, que desperte no aluno o interesse na leitura e pela matemática.

Professora B:

Deve ser um ambiente que propõe situações de uso de linguagem escrita. Alguns materiais necessários para uma sala de alfabetização:

- Os alfabetos, os nomes das crianças, o calendário, o cantinho da leitura, as produções dos educandos, os materiais pedagógicos e outros materiais de acordo com os planejamentos das aulas.

Professora C:

Um ambiente onde a criança esteja em constante contato com a leitura e a escrita (rotina), não ter somente acesso, mas sim interagir, saber a função, o uso...

Professora D:

Um ambiente acolhedor que ofereça possibilidades de leitura, de ampliação e troca de conhecimento da criança, de socialização. Um local agradável, que desperte no aluno o gosto e prazer pela aprendizagem.

Professora E:

Deve conter produções construídas (sic) pelas crianças, valorizando assim os saberes propostos, espaços pedagógicos contendo livros de leitura, jogos matemáticos e outros são importantíssimo (sic) para estimular o desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Professora F:

Ele deve possuir um alfabeto com os quatro tipos de letras e de altura acessível ao aluno. Uma lista com nome dos alunos e data de aniversário. Um cantinho da leitura. Um calendário do ano ampliado e um mensal. Uma reta com numerais até 100 no mínimo. Um cartaz com escrita dos numerais por extenso para servir de pesquisa aos alunos. Alguns cartazes confeccionados a medida que vão estudando: dúzia (uma caixa de ovos com os números colados), centena, dezena e unidade, algumas regras ortográficas e combinados da turma. Foto de alguns autores de livros lidos por eles ou textos trabalhados em sala.

Professora G:

No ambiente alfabetizador deve conter materiais escritos de acordo com o que se é trabalhado na sala de aula e que atendam as necessidades que os alunos possuem. Deve conter também alfabeto na altura em que os alunos possam tocar, o calendário, dentre os demais citados acima.

Professora H:

Deve despertar no aluno a curiosidade para fazer suas próprias descobertas, sendo assim, um lugar prazeroso onde o aluno queira estar. O ambiente alfabetizador deve conter o alfabeto, livros, jornais, revistas, cartazes, enfim, a criança precisa ter contato direto com esses materiais escritos.

Professora I:

Deve ser um ambiente que estimule a criança a buscar a leitura, um ambiente aprazível, e diversificado, com alfabeto, números, textos, palavras, calendário e etc.

Professora J:

Ambiente aconchegante, organizado e que desperte a curiosidade do aluno, para que o mesmo possa fazer suas próprias descobertas.

Neste tópico, a maioria dos respondentes destaca que o ambiente alfabetizador precisa ser investigador, aconchegante, estimulador e precisa ter materiais escritos, para que as crianças tenham contato direto. É importante também a valorização das produções feitas pelos próprios alunos. Verifica-se, assim, que há um consenso de que o ambiente alfabetizador é fundamental para as práticas efetivas de leitura e escrita que serão desenvolvidas pelas crianças.

Esses relatos reforçam a ideia de que o ambiente precisa oportunizar momentos em que os alunos investiguem, sendo desafiados através da utilização de contextos para identificar palavras ou partes delas em cartazes, livros, jornais entre outros.

De modo geral, os respondentes apontam que o ambiente alfabetizador precisa ser pensado e organizado de forma que seja uma ferramenta de aprendizagem. O aluno necessita ter total acesso a todos os tipos de materiais que acompanham o espaço da sala de aula. Esse ambiente, não deve ter como foco do trabalho a estética, e sim a construção do saber dos próprios alunos.

Por fim, é importante que os educandos participem da produção desse espaço, expondo suas produções, criando seus próprios calendários, combinados, o alfabeto, enfim, sentindo-se parte da criação do seu próprio saber.

Questão 03 - Como o PNAIC tem ajudado a enfrentar os desafios da alfabetização?

Professora A:

Adapto as sugestões das práticas pedagógicas na minha sala de aula para tentar adquirir um bom resultado para com os alunos. Pois nos dias de hoje poucos alunos querem ir pra escola para estudar; então é preciso oferecer sempre algo diferente para despertar o interesse dos (sic) aluno.

Professora B:

O PNAIC me ajudou aprimorar minha prática pedagógica, trabalhando com projetos, sequências didáticas, jogos matemáticos, algum tipo de instrumento de avaliação e principalmente ter um olhar específico, garantindo os direitos de aprendizagem dos educandos para aquele determinado ano. Tem me ajudado a refletir acerca dos resultados da turma. Quais alunos (a) não estão caminhando? Como deveriam? O que eles ainda não aprenderam e precisa ser consolidado até o final do ano (direitos de aprendizagem).

Professora C:

Dando um melhor aperfeiçoamento aos professores. Atividades práticas, dando melhor compreensão de como trabalhar determinados conteúdos. Bastante foco na leitura e escrita, sequências didáticas e a caixa de literatura com diferentes leituras foram uma grande contribuição na vida do professor alfabetizador.

Professora D:

Momento de possibilidades de troca de experiências e muita prática. Além de ampla oportunidade de conhecimento (sic) novos serem aplicados durante as formações.

Professora E:

Trazendo reflexões e artigos e nos levaram a repensar nossa prática, levando em consideração o desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças no contexto escolar.

Professora F:

· Em língua portuguesa: 1- Foi ótimo o incentivo a leitura com a disposição de duas caixas de livros (total 45 livros) em cada sala de aula para turmas de 1º ao 3º ano, pois o aluno está lendo mais e são livros excelentes e diversificados. 2- Orientações de utilização e ressignificação do livro didático, pois as vezes não era tão usado pelo professor. 3- Orientação da importância do trabalho com a sequência didática de um livro. 4- A importância da leitura compartilhada realizada pelo professor como modelo de leitor. 5- Intensificou o trabalho com as estratégias de leitura, ortografia e a produção de texto desde o 1ºano.

· Em matemática: 1- A sugestão dos jogos nas aulas de matemática, mas um jogo com registros e acompanhamento do professor. Confecção de uma caixa de matemática contendo materiais manipulados (palitos, dados, régua, fita métrica, tapetes com QVL em TNT).

· A garantia dos direitos de aprendizagem ao aluno em cada ano.

Professora G:

O PNAIC tem ajudado na elaboração de novos (sic) práticas de ensino e aprendizado, mas ainda há muitos desafios a serem melhorados, como por exemplo, o apoio da família para o ensino.

Professora H:

Tem ajudado a repensar minhas práticas, vendo novas possibilidades de ensino. O professor precisa sempre está se renovando e o PNAIC é uma ótima oportunidade para isso.

Professora I:

Na melhoria da nossa pratica, pois através dele abordamos diversas situações do nosso cotidiano. Compreendemos melhor como agir diante das diferenças.

E uma outra coisa muito importante é que possamos (sic) a compreender melhor que a alfabetização tem início no primeiro ano e pode ser desenvolvida até o terceiro, o que faz aceitar melhor que cada criança tem seu tempo, e também como estimular o mesmo.

Professora J:

Me deu um novo olhar para individualidade, respeitando a forma e o tempo que cada aluno necessita para aprender. Considerando a grande diversidade que encontramos no âmbito escolar, o PNAIC me ajuda a uma reavaliação dos resultados obtidos em sala, assim, crio estratégias diferentes para aqueles alunos com dificuldades de aprendizagem, utilizando outros meios de avaliação.

Diante das respostas, vimos que a maioria dos professores desenvolvem práticas de leitura e escrita, baseando-se nos quatro eixos de atuação do PNAIC sendo eles: formação continuada; aumento da distribuição de materiais didáticos; avaliações sistemáticas e a gestão/mobilização social da comunidade escolar.

O PNAIC, para a maioria dos professores, tem ajudado a refletir e a melhorar a execução das práticas pedagógicas, tendo uma troca de experiências e melhores orientações acerca do material didático. O PNAIC também proporcionou aos professores um novo olhar sobre os direitos de aprendizagem de cada aluno tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática.

Identificamos que a formação de professores alfabetizadores ainda precisa discutir com mais profundidade questões de currículo, de conhecimento, de avaliação, de mudanças conceituais, sociais e tecnológicas em torno do tema alfabetização. Em relação aos desafios da alfabetização discutidos por meio da formação do PNAIC, notamos que os educadores consideram que se apropriaram de novas estratégias, novas práticas de alfabetização e mudaram os objetivos de ensino, mas, ainda é preciso avançar.

Verificamos que há uma proposta de trabalho em torno das dimensões da alfabetização por meio do PNAIC, relacionadas ao trabalho com o texto, nas quais as crianças podem desenvolver a oralidade, a leitura, a escrita e, conseqüentemente, a produção de textos que tenham significado em seu cotidiano social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou sobre as práticas de alfabetização e a contribuição do PNAIC na realização das práticas docentes veiculadas nas escolas da rede pública do município de Aracruz – Espírito Santo.

Constatamos que ainda é necessário que os professores tenham mais conhecimento sobre o conceito de alfabetização, pois, esse vai além de codificar e decodificar, sendo preciso que o professor adote práticas variadas de ensino e estar em constante formação.

Verificamos que o PNAIC contribuiu na formação dos alunos e dos educadores, trazendo uma nova perspectiva para as práticas de alfabetização e letramento. Contudo, o professor precisa ter objetivos e estratégias bem definidos para criar um ambiente alfabetizador, proporcionando a criança o contato com diferentes gêneros textuais, atividades de leitura diferenciadas e materiais escritos.

Por fim, as práticas alfabetizadoras devem ser inseridas e trabalhadas constantemente em sala de aula. Afinal, é através delas que o aluno vai se desenvolver de forma crítica, sendo autor de sua própria história.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1997, vol.2 p. 30.

_____. PORTARIA Nº 867, Art. 5º. **Ministério da Educação**. 2012. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=getAtoPublico&sgl_tipo=POR&num_ato=00000867&seq_ato=000&vlr_ano=2012&sgl_orgao=MEC>. Acesso em: 04 jun. 2017

_____. Entenda o Pacto. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/o-pacto>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

GOIS, Antônio, A idade certa: maioria das crianças mais ricas já está alfabetizada aos seis anos. **O GLOBO**, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/a-idade-certa-21185260>>. Acesso em: 04 jun. 2017

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização**. V. 3 Didática do nível alfabético. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 27. Disponível em: <<http://neuropsicopedagogianasaladeaula.blogspot.com.br/2012/04/o-processo-de-alfabetizacao-na-historia.html>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

MANDELLI, Mariana. **Entenda como funciona o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Todos pela educação, 2012. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/24884/entenda-como-funciona-o-pacto-nacional-pela-alfabetizacao-na-idade-certa/>>. Acesso em: 21 mai. 2017

MOÇO, Anderson. Alfabetização: 6 práticas essenciais. **Revista Nova Escola**. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/841/alfabetizacao-6-praticas-essenciais>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Jan /Fev /Mar /Abr 2004 nº 25. Disponível em: <<http://temposdastics.blogspot.com.br/2011/06/alfabetizacao-e-letramento.html>>. Acesso em: 12 jun. 2017

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.